

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | Época Especial | Ensino Secundário | 2021
12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

10 Páginas

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o poema.

CAMÕES DIRIGE-SE AOS SEUS CONTEMPORÂNEOS

Podereis roubar-me tudo:
as ideias, as palavras, as imagens,
e também as metáforas, os temas, os motivos,
os símbolos, e a primazia
5 nas dores sofridas de uma língua nova,
no entendimento de outros, na coragem
de combater, julgar, de penetrar
em recessos de amor para que sois castrados.
E podereis depois não me citar,
10 suprimir-me, ignorar-me, aclamar até
outros ladrões mais felizes.
Não importa nada: que o castigo
será terrível. Não só quando
vossos netos não souberem já quem sois
15 terão de me saber melhor ainda
do que fingis que não sabeis,
como tudo, tudo o que laboriosamente pilhais,
reverterá para o meu nome. E mesmo será meu,
tido por meu, contado como meu,
20 até mesmo aquele pouco e miserável
que, só por vós, sem roubo, haveríeis feito.
Nada tereis, mas nada: nem os ossos,
que um vosso esqueleto há de ser buscado,
para passar por meu. E para outros ladrões,
25 iguais a vós, de joelhos, porem flores no túmulo.

Assis, 11/6/1961

Jorge de Sena, *Antologia Poética*, edição de Jorge Fazenda Lourenço, Lisboa, Guimarães, 2010, p. 127.

* 1. Explícite duas das acusações que o sujeito poético faz aos seus contemporâneos, de acordo com o conteúdo dos versos de 1 a 11.

* 2. «Não importa nada: que o castigo / será terrível» (versos 12 e 13).

Explique o modo como o sujeito poético prevê a concretização do castigo.

3. Selecione a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

Ao longo do poema, o sujeito poético exprime, entre outros, um sentimento de _____ que é evidenciado por artifícios como _____.

(A) autocomiseração ... a repetição de vocábulos com sentido antitético

(B) autocomiseração ... o recurso a enumerações

(C) revolta ... o recurso a enumerações

(D) revolta ... a repetição de vocábulos com sentido antitético

PARTE B

Leia as estâncias de 52 a 55 do canto IX de *Os Lusíadas* e as notas.

- Est. 52 De longe a Ilha viram, fresca e bela,
Que Vénus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Pera onde a forte armada se enxergava;
5 Que, por que não passassem, sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Pera onde as naus navegam a movia
A Acidália¹, que tudo, enfim, podia.
- Est. 53 Mas firme a fez e imóvel, como viu
10 Que era dos Nautas vista e demandada,
Qual ficou Delos², tanto que pariu
Latona³ Febo⁴ e a Deusa à caça usada⁵.
Pera lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia ãa enseada
15 Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Citereia⁶.
- Est. 54 Três fermosos outeiros se mostravam,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo⁷ esmalte⁸ se adornavam,
20 Na fermosa Ilha, alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam⁹
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora linfa¹⁰ fugitiva.
- Est. 55 25 Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde ãa mesa fazem, que se estende
Tão bela quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sobre ela pende,
30 Como que pronto está pera afeitar-se¹¹,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, 5.ª ed., Lisboa, MNE-IC, 2003, p. 236.

NOTAS

¹ *Acidália* – Vénus.

² *Delos* – ilha errante que se tornou firme quando nela Latona deu à luz Apolo.

³ *Latona* – mãe de Apolo.

⁴ *Febo* – deus Apolo.

⁵ *Deusa à caça usada* – Diana, deusa da caça.

⁶ *Citereia* – Vénus.

⁷ *gramíneo* – relativo a relva.

⁸ *esmalte* – cor.

⁹ *manavam* – jorravam; fluíam com abundância.

¹⁰ *linfa* – água.

¹¹ *afeitar-se* – preparar-se; enfeitar-se.

- * 4. A representação da Natureza, tal como ela surge nas estâncias transcritas, está de acordo com o modelo clássico.

Justifique esta afirmação com base em duas características da «Ilha».

- * 5. A linguagem utilizada na descrição da «Ilha» possui um forte carácter sensorial.

Refira dois dos sentidos privilegiados nessa descrição e exemplifique cada um deles com uma transcrição pertinente.

6. Selecione a opção de resposta adequada para completar as afirmações abaixo apresentadas.

O discurso camoniano é rico em recursos expressivos. Por exemplo, no verso 31, está presente uma _____ que realça as ideias _____.

- (A) comparação ... de beleza e de exuberância do arvoredado
(B) metáfora ... de limpidez e de brilho da água
(C) gradação ... de beleza e de exuberância do arvoredado
(D) sinédoque ... de limpidez e de brilho da água

PARTE C

- * 7. Manuel de Sousa Coutinho é considerado por alguns autores como a personagem mais forte de *Frei Luís de Sousa*. Essa força, quer interior quer guerreira, resulta de um compromisso com a sua consciência.

Baseando-se na sua experiência de leitura da peça *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, escreva uma breve exposição sobre a força interior e/ou guerreira que caracteriza Manuel de Sousa Coutinho.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual refira dois momentos da ação dramática em que a força interior e/ou guerreira de Manuel de Sousa Coutinho se tenha manifestado;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto.

Podemos falar do jardim como representação: uma representação do olhar do homem sobre a natureza. Neste sentido, não há nada mais antinatural do que o jardim. As suas formas, quer sigam os padrões clássicos de uma estrutura geométrica e arquitetónica definida pelo desenho rigoroso do espaço, quer procurem imitar a desordem da vegetação selvagem, são concebidas para sugerir um domínio do homem sobre algo que lhe é anterior, e que durante séculos ou milénios condicionou a sua própria existência através dos ciclos naturais da alternância climática, dos períodos de seca ou dos incêndios, das barreiras que muitas vezes a natureza colocou ao avanço da chamada civilização.

A função do jardim variou ao longo da história e o seu objetivo nem sempre foi o mesmo. A ambição de reproduzir um éden, ou o que seria o espaço perfeito dos deuses, vem da imagem dos jardins suspensos da Babilónia, onde a construção em vários níveis sugere a ascensão ao Paraíso através do contacto com vários planos de distribuição da beleza natural. O Oriente é um dos lugares em que o jardim tem essa função transcendente de fruição pura das cores e das formas das plantas, cruzando-se com a água, ao contrário do jardim medieval que acrescenta um lado utilitário com a plantação de ervas aromáticas, de sabores, de frutos.

Mas o jardim é também um lugar destinado a pôr um parêntesis na desordem e na confusão do mundo. Mesmo em épocas remotas, ele tinha essa função de *hortus conclusus* — o lugar fechado onde era possível o refúgio de tudo aquilo que ameaçava o homem, na sua vida social. Lugar de meditação e *locus amoenus*, era aí que o tempo podia parar o seu curso, como se o contacto com a vegetação «desviasse» o homem desse ciclo infernal do tempo que não para e que o arrasta inevitavelmente para a morte. Ao contrário do tempo filosófico, o tempo associado por Heraclito à água do rio que nunca é a mesma, e não é reversível no seu curso, o tempo natural é cíclico, tendo nele origem a filosofia do eterno retorno que, em cada primavera, faz regressar o viço que o outono fez perder, antecipando a morte invernal.

Por isso, o jardim é um espaço otimista, onde é possível o contacto com essa ilusão de perenidade que a escolha das suas espécies — em que poderá sempre haver folhagem, mesmo no inverno — permite sugerir. Também o sonho da renovação se encontra nele, juntando os dois mundos elementares que são a terra e a água, de uma forma ativa, sempre transmitindo essa dinâmica que faz parte da evolução sazonal onde o céu desempenha igualmente um papel central, como teto e suporte dessa dinâmica. Será também contraditória esta coexistência, no jardim, de dois opostos: a imobilidade, a paragem do tempo, que prende o homem a uma ideia de eternidade; e o movimento invisível da natureza, as transformações que se verificam a cada momento no interior das plantas, e que nos levam a olhá-las sabendo que a floração é uma fase, mas que o seu desaparecimento arrastará necessariamente um futuro renascimento.

Nuno Júdice, *Camões – Por Cantos Nunca Dantes Navegados*, Lisboa, Sibila Publicações, 2019, pp. 83-84.

- * 1. Segundo o autor, o jardim constitui uma visão «antinatural» (linha 2), na medida em que
- (A) é uma representação fantasiosa da natureza.
 - (B) corresponde a padrões exclusivamente estereotipados.
 - (C) resulta do desejo humano de dominar a natureza.
 - (D) é incapaz de reproduzir os ciclos naturais.
2. Independentemente das funções específicas que lhe são atribuídas, através do jardim, o homem continua a desejar, acima de tudo,
- (A) aproximar-se do mundo dos deuses ao imitar um éden.
 - (B) aliar a fruição sensorial a um carácter utilitário.
 - (C) recriar a beleza que caracterizava os jardins suspensos da Babilónia.
 - (D) criar um espaço que permita esquecer a inevitabilidade da morte.
- * 3. Na perspetiva do autor, expressa no último parágrafo, o jardim acaba por constituir um espaço contraditório, pois
- (A) nele o homem controla os ciclos e a regeneração da natureza.
 - (B) dele se espera a ilusão de eternidade e a certeza da renovação.
 - (C) isola os seres humanos, impedindo-os de estabelecer uma vida social harmoniosa.
 - (D) acentua a perceção da passagem célere do tempo, espelhada no ciclo da natureza.
- * 4. No contexto em que ocorrem, a repetição da palavra «jardim» (linhas 1, 2, 9, 13, 14, 16, 25 e 31), por um lado, e o uso de «Mas» (linha 16) e de «Por isso» (linha 25), por outro lado, contribuem
- (A) para a coesão lexical por reiteração, em ambos os casos.
 - (B) para a coesão gramatical interfrásica, em ambos os casos.
 - (C) para a coesão gramatical interfrásica, no primeiro caso, e para a coesão lexical por reiteração, no segundo caso.
 - (D) para a coesão lexical por reiteração, no primeiro caso, e para a coesão gramatical interfrásica, no segundo caso.
5. A palavra «olhar» em «representação do olhar do homem» (linha 1) exemplifica o mesmo processo de formação de palavras que se verifica em
- (A) Ele tem um olhar embevecido quando está no jardim.
 - (B) Muitas pessoas preferem olhar o jardim a olhar o mar.
 - (C) É muito agradável ouvir e olhar as águas correntes.
 - (D) Por que razão me estás a olhar com desconfiança?

* 6. Todas as orações seguintes são subordinadas adjetivas relativas, **exceto** a oração

(A) «que não para» (linha 21).

(B) «onde era possível o refúgio de tudo aquilo que ameaçava o homem, na sua vida social» (linhas 18 e 19).

(C) «em que poderá sempre haver folhagem, mesmo no inverno» (linhas 26 e 27).

(D) «que a floração é uma fase» (linha 34).

7. Através das expressões «poderá sempre haver» (linha 26) e «arrastará necessariamente» (linha 34), transmite-se uma ideia de

(A) possibilidade, em ambos os casos.

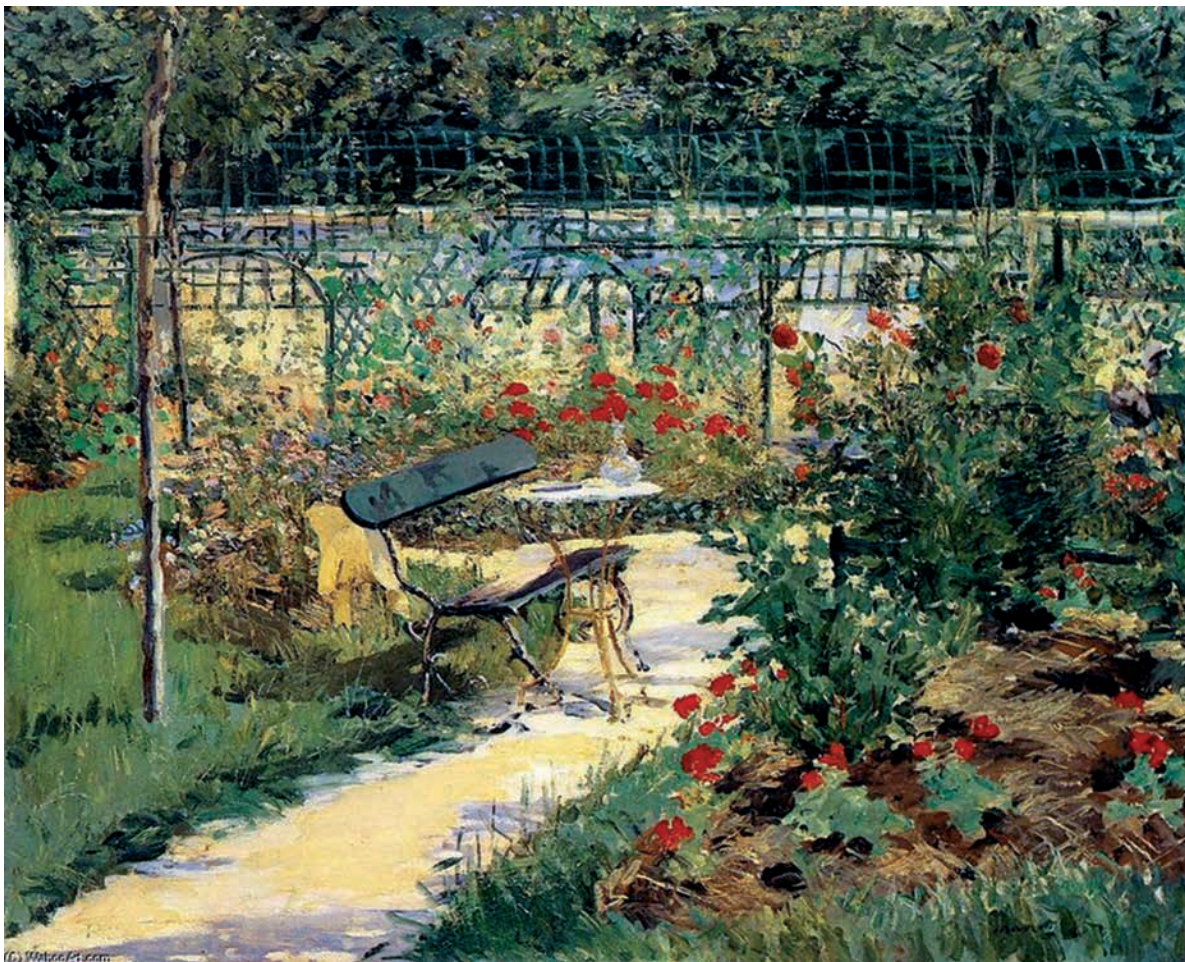
(B) certeza, em ambos os casos.

(C) possibilidade, no primeiro caso, e certeza, no segundo caso.

(D) certeza, no primeiro caso, e possibilidade, no segundo caso.

* GRUPO III

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, faça a apreciação crítica da pintura *O banco*, da autoria do pintor francês Edouard Manet.



Edouard Manet, *O banco*, 1881.

O seu texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico, fundamentando a sua apreciação em, pelo menos, três aspetos relevantes e utilizando um discurso valorativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2021/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	4.	5.	7.	1.	3.	4.	6.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	161
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	3.	6.	2.	5.	7.						
Cotação (em pontos)	3 x 13 pontos										39
TOTAL											200